

A globalização da comunicação e seus reflexos sobre a dimensão econômica, ambiental e social da sustentabilidade¹

The globalization of communication and its impact on the economic dimension, environmental and social of sustainability

Inês Moreira da Costa²

Universidade do Vale do Itajaí – Univali (Brasil)

Sumário: 1. Introdução; 2. Uma visão histórica da globalização da comunicação. 3. As dimensões da sustentabilidade na globalização; 3.1. A dimensão econômica; 3.2. A dimensão ambiental; 3.3. A dimensão social; 4. Conclusões. Referências das fontes citadas.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar a evolução da globalização da comunicação, e mostrar como isso reflete, atualmente, na dimensão econômica, ambiental e social da sustentabilidade. Inicialmente é feito um levantamento histórico do surgimento dos meios de comunicação, desde a antiguidade, demonstrando como eles se desenvolveram até o século XXI e influenciaram também o crescimento do comércio internacional. Em seguida, é feita uma análise de como a globalização influencia a economia mundial, pela alteração de seus fluxos financeiros, passando pela abordagem ambiental, que envolve danos que podem colocar em risco toda a humanidade, e finalmente o reflexo sobre a sociedade, que faz com que a comunicação instantânea, principalmente ocasionada pela internet, altere o modo de relacionamento interpessoal, em variados aspectos.

Palavras-chave: globalização da comunicação, sustentabilidade, desenvolvimento

Abstract: This article aims to present the evolution of the globalization of communication, and to show how this currently reflects the economic, environmental and social dimension of sustainability. Initially a historical survey of the emergence of the media, from ancient times, is made, demonstrating how they developed until the 21st century and also influenced the growth of international trade. Next, an analysis is made of how globalization influences the world economy, by changing its financial flows, through the environmental approach, which involves damages that can put all humanity at risk, and finally the reflection on society that makes with which instant communication, mainly caused by the internet, changes the way of interpersonal relationship, in various aspects.

Key words: globalization of communication, sustainability, development

¹ Artigo proposto para a área de Direito Ambiental e Sustentabilidade.

² Doutoranda em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí. Mestre em Poder Judiciário pela Fundação Getúlio Vargas - Direito/Rio. Juíza de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia. Porto Velho, Rondônia - Brasil. e-mail: ines@tjro.jus.br

1. Introdução

A comunicação constitui-se num importante instrumento de integração, instrução e desenvolvimento. Transmitir e compreender ideias é vital, ainda mais em um mundo globalizado como se verá no decorrer desse trabalho, onde as informações circulam com velocidade até a poucas décadas inimaginável.

O processo de comunicação se desenvolve a partir da família, e depois se estende para a sociedade, até chegar a uma larga escala ou comunicação de "massa", em nível global. Mas as novas redes de comunicação, especialmente a internet, ocasionam ainda outro fenômeno: transformam a comunicação de massa em audiência de massa, através da individualização das mensagens, por meio, principalmente, dos aparelhos portáteis sem fio, possibilitando comunicação em tempo real com todo o mundo. A tecnologia exerceu grande papel na disseminação da comunicação, potencializando o processo de produção, o envio e a recepção de mensagens, transformando totalmente as noções de tempo e espaço que tínhamos.

Hoje estamos cada vez mais dependentes dos meios de comunicação. Vivemos em uma "sociedade de informação", ou sociedade globalizada, ou "aldeia global", com interatividade constante e acesso ilimitado ao conhecimento, ocasionando importantes alterações no âmbito da economia, e com reflexos também sobre o meio ambiente e as relações sociais.

O objetivo geral do presente artigo é compreender como a globalização da comunicação interfere na dimensão econômica, ambiental e social da sustentabilidade. O objetivo específico consiste em entender o que significa cada um desses conceitos, globalização da comunicação, desenvolvimento econômico, ambiental e social. Como problema central que será focado está a necessidade de compreender como a globalização da comunicação influencia a tríplice dimensão da sustentabilidade e a importância desse conhecimento para que seja possível lidar com os problemas que podem dificultar ou impedir que as gerações atuais e futuras usufruam da vida neste Planeta com dignidade.

Na metodologia foi utilizado o método indutivo na fase de investigação; na fase de tratamento de dados o método cartesiano e no relatório da pesquisa a base indutiva. Foram também acionadas as técnicas do referente, dos conceitos operacionais, da pesquisa bibliográfica e do fichamento³.

2. Uma visão histórica da globalização da comunicação

No decorrer da história, a linguagem oral foi a que primeiro se desenvolveu. Na Grécia Antiga, a educação era transmitida oralmente. O estudo da retórica, entendida como a arte de discursar e persuadir, era vital para os estudantes e a oratória era uma técnica bastante desenvolvida. Grandes nomes da cultura grega são até hoje lembrados por essa "arte", como é o caso de Sócrates, que não deixou nenhum conhecimento impresso. Também nessa época havia troca de mercadorias e ideias, que eram exercidos na ágora, espécie de praça pública e comercial onde originariamente se realizavam as assembleias do povo.

No início do período medieval, a difusão da comunicação escrita já existia, embora a comunicação oral ainda fosse predominante. Os sermões eram um meio importante de disseminar informação. Os livros, ainda copiados de forma manual, eram tidos como um repositório de sabedoria, geralmente escritos em latim, e tratavam especialmente de escritos sagrados e alguns trabalhos de ciência. Portanto, poucos tinham acesso, ainda, a esse meio de comunicação.

Por volta de 1450 é inventada a prensa gráfica, por Johann Gutenberg de Mainz, e a prática da impressão gráfica se espalha pela Europa, sendo instaladas, por volta de 1500, máquinas de impressão em mais de 250 lugares na Europa⁴.

³ PASOLD, Cesar Luiz. *Metodologia da Pesquisa Jurídica: teoria e prática*. 12ª edição. Conceito Editorial, São Paulo, 2015

⁴ BURKE, Peter; BRIGGS, Ana. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet*, tradução Maria Carmelita Pádua Dias, Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2006, p. 24.

Conforme esclarece Macquail⁵, a aplicação bem-sucedida de tecnologias de impressão em substituição à edição manual, em meados do século XV, constitui-se no primeiro passo para a “instituição midiática”. Os impressores passaram de tipógrafos a editores, surge a ideia e o papel do autor, já que até então os manuscritos não eram de autores vivos, e o livro torna-se mercadoria, aumentando significativamente seu quantitativo. Essa mudança do “foco auditivo para o visual leva Marshal McLuhan a dizer que os impressos abriram uma ferida entre a cabeça e o coração”.

A mudança da fase oral para a escrita também teve repercussão para a Igreja, que até então divulgava suas ideias de forma exclusivamente oral. Os impressos permitiram aos leitores que ocupavam uma posição hierárquica inferior na sociedade daquela época estudar os textos religiosos por conta própria. Mas mesmo assim, o alcance ainda não era grande, considerando que no início da era moderna a sociedade ainda era pouco letrada, e somente uma minoria da população (especialmente homens, moradores de cidades e protestantes) sabiam ler e escrever.

Ao lado dos livros, que, em regra, eram dispendiosos e técnicos, também surgiu um material impresso mais barato e simples, sob a forma de “brochuras”, na maioria das vezes ilustradas, comercializadas por vendedores ambulantes.

Com o desenvolvimento da comunicação escrita, o fluxo de comércio que se desenvolveu nesse período também contribuiu para a disseminação do conhecimento. Os mercadores, operando por mar ou terra, traziam novidades juntamente com a mercadoria e, conforme Burke⁶, nos séculos XVI a XVIII as mensagens em papel seguiram a rota da prata – do México ou Peru para o Velho Mundo – ou a rota do açúcar – do Caribe para Londres, de modo que os interesses dos governantes pelas comunicações foi o principal motivo da expansão postal no início do período moderno, e somente em 1837, com a invenção do telégrafo elétrico foi quebrada a tradicional ligação entre transporte e comunicação das mensagens.

Armand Mattelart⁷ sustenta que a internacionalização da comunicação é fruto de dois universalismos: o iluminismo e o liberalismo.

O iluminismo, caracterizado como um movimento de ideias, em que se sobressai o uso da própria razão, do pensamento crítico, como uma forma de refutação do absolutismo monárquico até então prevalente na Europa, teve como expoentes os filósofos franceses Voltaire, Rousseau, Diderot e D’Alembert. Esse movimento ocasiona uma revolução na linguagem:

A França de 1789 desejava concretizar a ideia do poder criador do comércio. Universalizando as regras do direito e a circulação do dinheiro, dos bens e das pessoas, ela construiu sua unidade e sua identidade nacional ao mesmo tempo em que forjou uma identidade universal. “Uma única nação. Uma única lei. Um só idioma”. Ao suprimir a barreira linguística entre aqueles que, por sua condição, eram os únicos que podiam comunicar-se fluentemente e todos os demais, tidos como ineptos para a comunicação entre si, a política revolucionária de unificação linguística visava absorver as diferenças e derrubar as barreiras dos particularismos remanescentes do feudalismo e das monarquias absolutas⁸.

E para Burke⁹, o envolvimento do povo na Revolução Francesa de 1789 foi tanto causa quanto consequência da participação da mídia. Isso porque no fim do século XVIII o governo francês reconheceu a opinião pública como uma entidade que precisava ser informada e, ao fazer isso, ajudou a oposição a derrubar o Antigo Regime.

A evolução da comunicação está diretamente associada à evolução da economia: o tempo e a distância foram reduzidos. Através da criação de ferrovias e do barco a vapor possibilitou-se a intensificação do comércio, bem como o transporte de cartas – um modo indispensável, até então, de comunicação. O trem foi considerado símbolo do

⁵ MACQUIL, Denis. *Teoria da Comunicação de Massas*, tradução de Carlos de Jesus, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, p. 20

⁶ BURKE, Peter; BRIGGS, Ana. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*, p. 32-33.

⁷ MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*; tradução Laureano Pelegrin, Edusc, São Paulo, 2000, p. 15.

⁸ MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*, p. 17-18.

⁹ BURKE, Peter; BRIGGS, Ana. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*, p. 102.

progresso e da revolução industrial, e a organização ferroviária instaurou o início do horário universal, que era necessário para pôr fim à confusão dos horários locais dos trens, de modo que em 1884 os diversos horários foram sincronizados ao horário de Greenwich, medida que é adotada até hoje.

Os novos meios de comunicação – o telégrafo e o rádio - também contribuíram para incrementar a economia. O telégrafo foi o primeiro grande avanço na área da eletricidade, permitindo aumentar a velocidade da informação e a ligação de mercados nacionais e internacionais. A era das radiocomunicações foi inaugurada em 1901, quando Guglielmo Marconi irradia através do Atlântico os sinais correspondentes à letra “s”.

Sobre a mudança na forma em que o comércio se desenvolveu, Fernand Braudel¹⁰ esclarece que o século XVI foi o apogeu das enormes feiras, onde predominava a hegemonia Genovesa. No século XVII há a ascensão de Amsterdam como novo polo econômico, onde as feiras cedem lugar às bolsas, às praças de comércio e às lojas. E no século XVIII despontam os empréstimos internacionais, nos quais Londres destaca-se. O século XIX assistiu à ascensão do Império Britânico como novo polo econômico, para os quais convergiram os grandes fluxos de riqueza e de comunicação à distância, e um dos exemplos dessa hegemonia foi a inauguração do primeiro cabo transatlântico, em 1866.

A Grã Bretanha também se destaca nas comunicações. Conforme Burke¹¹, o jornal *The Times*, órgão dominante de imprensa em Londres, se considerava, durante as décadas de 1830, 1840 e 1850, um “quarto poder”, expressão posteriormente aceita em diversos países.

De acordo com Mattelart¹², o século XIX inventa a *news* e, com ela o ideal de informação instantânea, e de 1830 a 1850 criam-se as grandes agências, e a partir de 1875 começam a formar-se os grupos de imprensa. “É a eclosão de um mercado da informação pensado em âmbito mundial orientado por interesses geopolíticos”.

E ao lado da informação da imprensa, surgem também os primeiros dispositivos de análise de observação e do mercado internacional, bem como a publicidade. Esta, por sua vez, para alcançar um público cada vez mais amplo e heterogêneo, lança mão de gêneros culturais mais populares. Na França, o folhetim torna-se, no dizer de Mattelart¹³, uma verdadeira “internacional do sentimento”, adaptado à mentalidade dos leitores dos países onde é publicado, enquanto os Estados Unidos lançam os *comics*, espécie de história em quadrinhos.

A indústria fonográfica e de imagens também se destaca. Em 1877 Edison apresenta ao mundo o fonógrafo, enquanto em 1895 os irmãos Lumière projetam o primeiro filme. Em 1913 Hollywood, futura capital do cinema americano, se desliga de Los Angeles.

A Primeira Guerra Mundial conferiu grande destaque à propaganda, sendo criados, ao lado das operações militares, organismos oficiais de propaganda e censura, ao mesmo tempo em que se aperfeiçoam as técnicas de codificação e decodificação de mensagens secretas, bem como o telégrafo e o telefone.

A indústria americana do cinema ganha projeção internacional, e as denominadas cinco *majors* – Paramount, Metro-Goldwyn-Mayer, 20th Century Fox, Warner e RKO – dominam o mercado de entretenimento. A única indústria do cinema que os produtores americanos encontram pela frente é a alemã que decide limitar a entrada de filmes americanos, mas, em razão da crise de 1927, fica obrigada a fazer concessões às *majors*, e a francesa, que mantém seu mercado protecionista. Junto com os filmes começam a chegar os primeiros produtos derivados e, encabeçando as produções, está Walt Disney.

Para Mattelart¹⁴, a guerra transformou a nação devedora que eram os Estados Unidos em credores do mundo, e por volta do fim dos anos 20 a economia fordista desloca o capital britânico e o dólar substitui a libra esterlina como moeda lastro. Nasce uma nova economia centralizada em Nova Iorque.

¹⁰ BRAUDEL, Fernand. *A economia do capitalismo*; tradução Álvaro Cabral, Rocco, Rio de Janeiro 1987, p. 19 a 21

¹¹ BURKE, Peter; BRIGGS, Ana. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*, p. 192.

¹² MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*, p. 47-48.

¹³ MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*, p. 53.

¹⁴ MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*, p. 76.

Os Estados Unidos passam a dominar o mercado de comunicações, surgem as empresas de estudos mercadológicos e desenvolve-se a indústria do marketing, fazendo com que a ideia de “americanização” passe a representar uma ameaça à alma europeia.

Surge a televisão, e os aparelhos que transmitem esse novo sistema de imagem são postos à venda no fim da década de 1920. A televisão se apropriou de grande parte do público que ia ao cinema, e isso tem reflexo até hoje na sociedade, principalmente em razão da interação social que deixou de existir, em favor da acomodação de assistir os programas no próprio lar, levando Beck a dizer que a televisão isola e padroniza:

Por um lado, ela dissolve as esferas de interação, experiência e vivência que unem as pessoas de uma forma vinculante e marcadamente tradicional. Ao mesmo tempo, porém, todos se encontram numa situação similar: consomem programas televisivos institucionalmente fabricados, seja em Honolulu, Moscou ou Singapura. A individualização, ou mais precisamente: a libertação dos contextos tradicionais da vida – é acompanhada por uma unificação e padronização das formas existenciais. No interior da família, cada um se senta isolado diante do televisor. Surge assim o diagrama estrutural de um público de massa individualizado ou – de forma mais aguda – a padronizada existência coletiva de uma massa de eremitas¹⁵.

Em 1938 a BBC cria um programa em língua alemã e em seguida começa a transmitir em espanhol e português para a América Latina. Para neutralizar a crescente influência alemã nesta região, com a difusão dos ideais do regime de Hitler, em 1942 Washington toma o lugar das empresas de radiodifusão privadas e cria a *Voice of America*. Assim, a rádio estabelece novas estratégias de internacionalização da comunicação.

O primeiro satélite artificial, Sputnik, é lançado em 1957, pela União Soviética, abrindo um novo capítulo na guerra fria entre este país e os Estados Unidos: a corrida espacial. Nesse mesmo ano foi fundada a NASA, com o objetivo de levar o homem à lua e estabelecer um sistema de ligações mundiais.

Em 1959 é inventado o primeiro computador de transistores, pela IBM, inaugurando a transmissão de dados em tempo real, a teleinformática. Em 1968 instala-se a primeira rede de transmissão de dados, a Arpanet (*Advanced Research Project Agency Network*), ligando os departamentos de cálculo das universidades de Londres e a área do Pacífico via Havaí. A internet desenvolve-se significativamente nas décadas seguintes, principalmente a partir de 1990, e mais recentemente impulsionada pela difusão de novas gerações de comunicações sem fio.

De acordo com Castells¹⁶, a rápida difusão da internet, a partir de meados de 1990 em diante, resultou da combinação de três fatores: 1) a descoberta tecnológica da grande rede de computadores (www) por Tim Berners-Lee e sua vontade de compartilhar o código fonte a fim de melhorá-lo por meio de contribuições ao código por parte de uma comunidade mundial de usuários; 2) a mudança institucional do gerenciamento da internet, privatizando-a, mas permitindo tanto usos comerciais quanto corporativos; 3) e as grandes mudanças no comportamento cultural e social: individualização e interligação.

A publicidade que se desenrola em seguida transforma-se no laboratório da cultura de massa e surge a ideia de dependência ou “imperialismo” cultural, o que leva Adorno a se tornar um crítico ferrenho dessa indústria cultural:

A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural de hoje não tem necessidade de ser explicada em termos psicológicos. Os próprios produtos, desde o mais típico, o filme sonoro, paralisam aquelas capacidades pela sua própria constituição objetiva. Eles são feitos de modo que a sua apreensão adequada exige, por um lado, rapidez de percepção, capacidade de observação e competência específica, e por outro é feita de modo a vetar, de fato, a atividade

¹⁵ BECH, Ulrick. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*; tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 196.

¹⁶ CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*; tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2015, p-36-37.

*mental do espectador, se ele não quiser perder os fatos que rapidamente se desenrolam à sua frente*¹⁷.

Essa fase de integração mundial iniciada nos anos 80 recebeu o nome de globalização. Essa expressão teve origem na língua inglesa, como uma forma de indicar a integração econômica, política e cultural. É denominada por Castells¹⁸ como a "rede das redes".

Giddens¹⁹ define a globalização como

[...]a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço.

A globalização, no entanto, tem sido objeto de críticas.

Milton Santos²⁰ fala em paradoxo da globalização, pois ao mesmo tempo em que tivemos o extraordinário progresso das ciências e das técnicas também tivemos a aceleração contemporânea e todas as vertigens que ela cria, e quando se imagina que se tornou possível a criação de um mundo veraz, "o que é imposto aos espíritos é um mundo de fabulações, que se aproveita do alargamento de todos os contextos", o que o leva a considerar a existência de pelo menos três mundos num só: o primeiro, o mundo como nos fazem vê-lo, que leva à globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é e, via de consequência, leva à globalização como perversidade; e o terceiro o mundo como ele poderia ser, que levaria a uma outra globalização, com a possibilidade de produção de um novo discurso, onde a universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos e passa a resultar da experiência diária de cada homem.

A globalização se transforma em um campo de contestação social e política, segundo Boaventura de Souza Santos, porque se para alguns ela é considerada o grande triunfo da racionalidade, da inovação e da liberdade capaz de produzir progresso infinito e abundância ilimitada, para outros ela transporta a miséria, a marginalização e a exclusão da maioria da população mundial, "enquanto a retórica do progresso e da abundância se torna realidade apenas para um clube cada vez mais pequeno de privilegiados"²¹

Giddens²², por sua vez, esclarece que os mercados financeiros globais movimentam mais de um trilhão de dólares por dia, e a globalização é política, tecnológica e cultural, mas também econômica e, acima de tudo, tem sido influenciada pelo progresso nos sistemas de comunicação registrados a partir do final da década de 1960. Além desse aspecto exterior, ela também influencia aspectos íntimos e pessoais da nossa vida.

A globalização leva Beck²³ a fazer uma indagação: como e em qual medida as pessoas e as culturas do mundo se sentem ligadas umas às outras por suas diferenças, e em qual medida esta percepção que a sociedade mundial tem de si é relevante em termos relacionais?

¹⁷ ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida, traduzido por Juba Elisabeth Levy, Paz e Terra, São Paulo, 2009, p. 10.

¹⁸ CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*, p. 38.

¹⁹ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*; tradução de Raul Fiker, Editora UNESP, São Paulo, 1991, p. 60.

²⁰ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 6ª edição, Record, Rio de Janeiro, 2011, p. 17-21.

²¹ SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *A globalização e as ciências sociais*, 2ª edição, Cortez, São Paulo, 2002, p. 53.

²² GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, 6ª edição, Record, Rio de Janeiro, 2007, p. 21-23.

²³ BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização*; tradução de André Carone, Paz e Terra, São Paulo, 1999.

Inicialmente há de se considerar que a globalização exige novas conexões, ocasionando o surgimento de comunidades que não estão mais ligadas unicamente a uma localidade, podendo receber o adjetivo de transnacionais, transcontinentais, e pode-se até mesmo falar em uma "topopoligamia", expressão utilizada por Beck²⁴ que significa casar-se com vários lugares, como uma forma de dar entrada à globalização em sua própria vida.

Ao mesmo tempo que a globalização altera as redes de comunicações de Estados nacionais, com a interferência econômica das empresas multinacionais ou transnacionais, essa globalização também tem ingerência no aspecto pessoal dos seus cidadãos, como se vê nos casamentos, nas famílias multiculturais, no círculo de amizades, no tipo de entretenimento etc.

Os meios de comunicação e os meios de transporte subverteram a noção de tempo e espaço, mas a velocidade dos meios de comunicação é muito mais significativa: nossos relacionamentos podem cruzar continentes em curto espaço de tempo, a ascensão dos empreendimentos em rede reconfigura novas formas de trabalho, as notícias do outro lado do mundo chegam em um segundo, os filmes que ainda nem tiveram lançamento oficial já colocados na *web*, o *streaming* de músicas permite o entretenimento musical em qualquer parte do globo, as imagens em aparelhos portáteis são divulgadas cada vez de forma mais rápida e concomitante a diversos usuários etc.

A transformação mais importante na comunicação nos últimos anos foi, segundo Castells²⁵, a transição da comunicação de massa para a intercomunicação individual. Ou seja, a produção da mensagem é feita individualmente, mas o alcance dela produz uma audiência em massa, principalmente pelo uso da internet. A comunicação de massa continua, mas esse novo mecanismo acaba tendo um alcance igual ou até maior.

Nesse cenário, não é de admirar que todos pareçamos integrados mundialmente. Mas, ao mesmo tempo, vivemos cada vez mais isolados em nossos lares, em nossas redes de internet, em nosso mundo particular. Além disso, enquanto a interdependência transfronteiriça ocasionada pela evolução dos meios de comunicação e transporte abriu novas oportunidades para o exercício da tolerância, da solidariedade, e até do ecumenismo, simultaneamente também ocasionou um incremento no nível de intolerância, de racismo e de xenofobia.

A explicação para esse fenômeno talvez possa estar em um estudo realizado na Grã Bretanha, em 2010, no qual mostrou que o uso da internet empodera as pessoas, aumentando sua sensação de segurança, liberdade pessoal e influência²⁶. Assim, a individualização ocasionada pelas redes sociais torna-se uma nova forma de sociabilidade, onde indivíduos com ideias semelhantes interagem em busca de objetivos comuns.

Resta analisar em que medida a globalização da comunicação afeta a dimensão ambiental, econômica e social da sustentabilidade, como se verá a seguir.

3. As dimensões da sustentabilidade na globalização

Edgar Morin²⁷ retrata, de forma muito clara, como a globalização está presente em nosso cotidiano:

Desde la década de 1960, todo individuo del llamado mundo desarrollado tiene inconscientemente interiorizada la presencia de lo planetario. Por la mañana, toma un café suramericano o um té asiático, saca de su nevera alemana una fruta exótica, se abriga con um jersey de algodón de Egipto o de la India, conecta una radio japonesa para escuchar las noticias internacionales, se viste com um traje de lana de Australia tejida em Manchester, conduce un coche coreano mientras escucha una canción flamenca em su Iphone californiano. Puede ver películas americanas, japonesas, chinas, mexicanas o africanas. Asiste a una

²⁴ BECK, Ulrich. *O que é globalização?* p. 97.

²⁵ CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*, p. 29.

²⁶ CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*, p. 39.

²⁷ MORIN, Edgar. *La Vía para el futuro de la humanidad*, Paidós, Barcelona, 2011, p. 20

ópera italiana em la que la diva es afroamericana y la orquesta está dirigida por um japonés. Luego, talvez cene chile com carne o arroz cantonés.

Estamos interligados. Isso é fato. Consumimos produtos produzidos em outros países, nos comunicamos com pessoas de todo o planeta, temos acesso a informações instantâneas. A palavra chave da atualidade é desenvolvimento, que se estende pelo lado econômico, pelo lado social e também pelo ambiental. Esse tripé serve de base para a sustentabilidade, que é entendida como a capacidade que a sociedade tem de perpetuar-se, indefinidamente no tempo, com a garantia de também atender as necessidades das gerações futuras, assegurando condições dignas para todos, conforme definição do Relatório Brundtland, de 1987.

Cruz e Soares enfatizam a amplitude da sustentabilidade, ao anotar que a mesma consiste:

*(a) na conservação e recuperação, quando esta seja necessária, do adequado capital natural para promover uma política qualitativa de desenvolvimento; (b) na inclusão de critérios ambientais, culturais, sociais e econômicos no planejamento e na implementação das decisões sobre desenvolvimento*²⁸.

Inicialmente, a ideia de desenvolvimento está intimamente ligada à de crescimento econômico. A modernidade foi erigida a partir da busca da liberdade, e isso se estendeu, principalmente, ao campo econômico. O desenvolvimento que se seguiu à II Guerra Mundial não teve qualquer preocupação ambiental. A natureza, que já vinha sendo, desde a Revolução Industrial, utilizada apenas como fonte de recursos, foi ainda mais explorada, com o propósito de garantir o progresso das nações, principalmente daquelas que sofreram prejuízos com a guerra. A industrialização tornou-se, assim, uma estratégia de desenvolvimento.

As preocupações com a exploração ambiental só ocorreram no início da década de 1970, ocasionadas, em grande parte, por diversos acidentes, envolvendo contaminações químicas, vazamentos de óleo de navios e até nucleares, mobilizando a Organização das Nações Unidas a realizar Conferências para debater o assunto (a primeira em 1972, em Estocolmo, a segunda no Rio de Janeiro, em 1992, a terceira em Johannesburgo em 2002 e a quarta novamente no Rio de Janeiro em 2012). Tais Conferências trouxeram a sustentabilidade para a discussão na arena internacional, e em 2002, em Johannesburgo, foi acolhida a tríplice dimensão da sustentabilidade: ambiental, econômica e social.

Para Capra²⁹, “a característica comum dos múltiplos aspectos da globalização é uma rede global de informações e comunicações baseada em tecnologias novas e revolucionárias”.

3.1. A dimensão econômica

Na economia, a globalização produziu significativas mudanças. Conforme esclarece Capra³⁰, o capital funciona em tempo real, movendo-se rapidamente ao longo de redes financeiras mundiais, sempre em busca de oportunidades de investimentos, e com margens de lucros muito altas nos mercados financeiros. O papel dos computadores, como ferramentas para o rápido processamento de informações e para modelos matemáticos sofisticados, levou à substituição virtual do ouro e do papel moeda por produtos financeiros cada vez mais abstratos:

Estes incluem “opções futuras” (ganhos financeiros no futuro, como são antecipados por projeções realizadas por computador), “fundos de investimento aplicados simultaneamente em vários mercados (hedge funds)” (fundos de investimento de alto risco usados para comprar e vender enormes quantidades de dinheiro vivo para, logo depois, lucrar a partir de margens diminutas) e “derivativos” (pacotes de diversos fundos, que representam coleções de valores financeiros reais ou potenciais). O resultado final de todas essas inovações

²⁸ SOARES, Josemar; CRUZ, Paulo Márcio. *Critério ético e sustentabilidade na sociedade pós-moderna: impactos nas dimensões econômicas, transnacionais e jurídicas*. Revista NEJ - Eletrônica, Vol. 17 - n. 3 - p. 401-418 / set-dez 2012 p. 410

²⁹ CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*, p. 465

³⁰ CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*, p. 466.

tecnológicas e financeiras é a transformação da economia global em um cassino gigantesco, operado eletronicamente”.

Para Boaventura de Souza Santos³¹, a nova economia é dominada pelo sistema financeiro e pelo investimento em escala global, o que exige processos de produção flexíveis e multilocais, com baixos custos de transporte, com preeminência das agências financeiras multilaterais. Nessa nova economia registrou-se a revolução nas tecnologias de informação e comunicação e a emergência de três grandes capitalismos transnacionais: o americano, baseado nos EUA e em suas relações com o Canadá, o México e a América Latina; o japonês, baseado no Japão e nas suas relações com os quatro tigres e com o resto da Ásia; e o europeu, baseado na União Europeia e nas relações desta com a Europa de Leste e Norte da África.

Ao mesmo tempo em que se desenvolvem novos mercados financeiros, aumentam também os riscos de crises econômicas. Conforme Tim Jackson³², a crise bancária de 2008 levou o mundo à beira de um desastre financeiro e “chacoalhou o modelo econômico dominante em suas fundações. Redefiniu as fronteiras entre mercado e Estado e nos forçou a confrontar nossa incapacidade de gerenciar a sustentabilidade financeira de nossa economia global”, abalando a confiança dos consumidores.

A explicação para essa crise, que até hoje produz reflexos em todo o mundo, reside, segundo Capra³³, no fato de que os fluxos financeiros não seguem qualquer lógica de mercado, tendo em vista que os mercados são continuamente manipulados e transformados por estratégias de investimento decretadas por modelos computadorizados e percepções subjetivas de analistas influentes, além de eventos políticos em qualquer parte do mundo:

A crise financeira mundial e a recessão de 2008-2009 foram produzidas por banqueiros de Wall Street por meio de uma combinação de ganância, incompetência e fraqueza inerentes ao sistema. Começou como uma crise de hipotecas, causada pela comercialização irresponsável de empréstimos hipotecários de alto risco, denominados “subprime”; então, lentamente, evoluiu para uma crise do crédito; e, finalmente, tornou-se uma crise financeira global já plenamente desenvolvida.

E não demorou muito para que os efeitos da crise de Wall Street reverberassem em toda a Europa, Ásia e Oriente Médio, numa espécie de efeito dominó:

Os países da zona do euro e o Reino Unido experimentaram dramáticas diminuições de crescimento; alguns países asiáticos tiveram uma significativa redução de atividade, e, por volta de maio de 2009, o mundo árabe havia perdido um montante estimado em 3 trilhões de dólares em consequência da crise – em parte por causa de uma queda dos preços do petróleo. Um ano depois, a Grécia enfrentou uma crise da dívida pública que ameaçou a integridade econômica da União Europeia, sendo a Irlanda, o Reino Unido, a Espanha e Portugal os países que mais correram o risco de perder a fé em seus investidores³⁴.

3.2. A dimensão ambiental

Na dimensão ambiental, os efeitos da globalização também se fazem sentir de forma significativa. Morato Leite³⁵ faz um comparativo entre o que ele denomina de “gerações de problemas ambientais”: a primeira geração caracteriza-se pela poluição/destruição pontual dos elementos constitutivos do meio ambiente (água, solo, fauna, flora, ar), por ele chamados de “microbens”, e, como eram detectados de forma mecânica e segmentada, eram protegidos de forma fragmentada. Preocupava-se tão-somente com as partes de um todo, “já que se caracterizava pela linearidade dos impactos produzidos e pela lupa analítica dos problemas”. A segunda geração, por outro

³¹ SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Globalização: fatalidade ou utopia?*, Edições Afrontamento, Portugal, 2001, p. 35.

³² JACKSON, Tim. *Prosperidade sem crescimento*, p. 18.

³³ CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*, p. 467-468.

³⁴ CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*, p. 470.

³⁵ CANOTILHO, José Joaquim Gomes, LEITE, José Rubens Morato. *Direito constitucional ambiental brasileiro*, 6ª edição, Saraiva, São Paulo, 2015, p. 109-110.

lado, está relacionada com uma abordagem mais sistêmica e complexa, pois se volta para o todo, aqui entendido como o meio ambiente global, ou macrobem, tendo em vista que envolve “efeitos combinados dos vários fatores de poluição e das implicações globais e duradouras como o efeito estufa, a destruição da camada de ozônio, as mudanças climáticas e a destruição da biodiversidade”. Aqui, por se tratarem de efeitos complexos e sinérgicos no meio ambiente, que podem afetar todo o globo, o meio ambiente deve ser concebido como um sistema, com interação dos universos natural, socioeconômico e cultural, com implicações também diferentes.

A dimensão das atividades antropogênicas sobre a natureza, leva ao que Ulrich Beck³⁶ denomina de “sociedade de risco”, ou seja, a natureza foi concebida, até o século XX como algo a ser subjugado. Porém, no final desse mesmo século, descobre-se que a natureza nem é “predeterminada nem designada”, tendo-se transformado em produto social. Como consequência, essa socialização da natureza também implica na socialização das destruições, de modo que os danos às condições naturais da vida convertem-se em ameaças globais para as pessoas, em termos medicinais, sociais e econômicos – com desafios inteiramente novos para as instituições sociais e políticas da altamente industrializada sociedade global.

Beck sustenta que os riscos da modernização têm uma “tendência imanente à globalização”:

*A produção industrial é acompanhada por um universalismo das ameaças, independente dos lugares onde são produzidas: cadeias alimentares interligam cada um a praticamente todos os demais na face da Terra. Submersas, elas atravessam fronteiras. O teor de acidez no ar carcome não apenas as esculturas e tesouros artísticos, mas há muito corroeu também os marcos de fronteira. Mesmo no Canadá acidificam-se os mares, mesmo nos extremos setentrionais da Escandinávia morrem as florestas*³⁷.

Dentre essas ameaças civilizatórias mais conhecidas estão o chamado aquecimento global, que decorre do aumento de concentração de gases de efeito estufa na atmosfera, a acidificação dos oceanos e a perda da biodiversidade. Todos eles com reflexos globais.

Grande parte desses efeitos se deve ao uso indiscriminado dos combustíveis fósseis, à industrialização com o conseqüente aumento do consumo de bens e serviços, bem como elevação do desmatamento. Todos fatores ligados ao desenvolvimento econômico, que poderão colocar em risco a sobrevivência de todos, ou pelo menos, as condições necessárias para que o homem possa se desenvolver com dignidade:

*A destruição do meio ambiente natural em países do Terceiro Mundo anda de mãos dadas com o desmantelamento dos modos de vida tradicionais das populações rurais, em grande parte autossuficientes, à medida que programas de televisão norte-americanos e agências de publicidade transnacionais promovem reluzentes imagens da modernidade para bilhões de pessoas em todo o mundo, sem mencionar que o estilo de vida pressuposto nessa incessante atividade de consumo material é totalmente insustentável*³⁸.

A revolução tecnológica é uma das características do mundo globalizado, que influencia diretamente a dimensão ambiental, seja para aumentar a eficiência de bens e produtos, diminuindo, assim, a utilização dos recursos naturais, seja para otimizar o uso até então existente. Conforme esclarece Schwab³⁹, a convergência dos mundos físico, digital e biológico “oferece oportunidades significativas para que o mundo obtenha enormes ganhos em eficiência e utilização de recursos”. As empresas poderão estender o ciclo de utilização de bens e recursos, recuperar e readaptar materiais para outros usos, diminuindo assim os resíduos e emissões poluentes, e até poluentes como o dióxido de carbono podem se transformar em bens econômicos, através da sua captura e uso da

³⁶BECH, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*, p. 98-99.

³⁷BECH, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*, p. 43.

³⁸CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*, p. 477.

³⁹SCHWAB, Klaus. *A quarta revolução industrial*; tradução Daniel Moreira Miranda, Edipro, São Paulo, 2016, p. 69 e 71.

produção. Empresas, governos e cidadãos podem se tornar mais conscientes e engajados na recuperação do capital natural, “orientará o consumo e a produção sustentáveis e dará espaço para a recuperação da biodiversidade em áreas ameaçadas”.

Para Cruz⁴⁰, a crise ecológica ainda é agravada pela insuficiência de planejamento e políticas amplas e de longo prazo, salientando que as pessoas e os governantes que elaboram e executam importantes políticas públicas, “ainda não conseguem pensar globalmente os problemas ambientais”, de sorte que as preocupações ainda se limitam aos problemas visíveis, a exemplo dos lixões, desmatamentos e queimadas. “Falta sensibilização adequada das pessoas para a real dimensão da crise ecológica e da sua real ameaça à garantia da vida no planeta”.

E a mídia, pelo efeito multiplicador que exerce, pode dar uma grande colaboração a esse aumento de conscientização global. Conforme Castells⁴¹, as campanhas ambientalistas sobre o aquecimento global, por exemplo, parecem ter sido mais eficientes quando as pessoas já foram afetadas pelas imagens ou experiências de desastres que as tornam mais receptivas a uma mudança de suas opiniões arraigadas, e assim “têm mais probabilidade de se identificar com as mensagens ambientalistas”. Talvez isso explique porque as preocupações com o meio ambiente somente começaram a partir de 1962, com a publicação do livro *Silent Spring* (Primavera Silenciosa), de Rachel Carson, posteriormente transformado em filme, e das sucessivas divulgações que foram feitas por meio da imprensa acerca de diversos acidentes que tinham relação direta com a utilização de pesticidas e produtos químicos, como é o caso da doença de Minamata (Japão) que, em razão de utilização de produtos contendo acetaldeído (que demanda a utilização de compostos de mercúrio) ocasionou desordens neurológicas na população local, que somente foram comprovadas muito tempo depois. Outro evento trágico que também chamou a atenção global foi a explosão da usina nuclear de Chernobyl, em 1986, que trouxe graves consequências.

3.3. A dimensão social

A globalização também estendeu seus efeitos sobre o lado social. De acordo com Luhmann⁴², as sociedades tradicionais incluíam ou excluíaam as pessoas, aceitando-as ou não em seu círculo familiar, e as famílias (não os indivíduos), eram ordenadas por “estratificação”. Já a sociedade moderna inclui e exclui as pessoas através dos sistemas funcionais, mas de uma maneira contraditória:

Los sistemas funcionales presuponen la inclusión de cada ser humano, pero, de hecho, excluyen a las personas que no cumplan con sus requerimientos. Muchos individuos tienen que vivir sin un certificado de nacimiento o credenciales de identificación, sin ninguna educación escolar y sin ningún trabajo regular, sin acceso a las cortes y sin la capacidad de llamar a la policía. Una sola exclusión sirve como excusa para otras exclusiones. A este nivel, y sólo a este nivel, la sociedad está integrada ajustadamente, pero en una forma negativa. Y los valores modernos, como la igualdad y la libertad, sirven como términos encubridores para preservar una ilusión de inocencia; igualdad como igual oportunidad y libertad como permitiendo la atribución individual (no social).

O Relatório do Desenvolvimento Humano de 2015⁴³, publicado pelo PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, coloca em um infográfico como dimensões do desenvolvimento humano para reforçar efetivamente as capacidades

⁴⁰ CRUZ, Paulo Márcio. “Transnacionalização, sustentabilidade e o novo paradigma do direito no século XXI” – p. 82-104. *Meio ambiente, transnacionalidade e sustentabilidade*, vol. 1 [recurso eletrônico] / organizadores: Paulo Márcio Cruz, Liton Lanes Pilau Sobrinho e Marcos Leite Garcia, Univali, Itajaí, 2014, p. 92.

⁴¹ CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*, p. 367.

⁴² LUHMANN, Niklas. *Globalización o sociedad mundial: ¿cómo concebir la sociedad moderna?*; Traduzido por José Javier Blanco Rivero. - *International Review of Sociology* Mar97, Vol. 7 Issue 1, 13p. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/68925134/Niklas-Luhmann-Globalizacion-o-Sociedad-Moderna>; acesso em março/2017.

⁴³ PNUD. *Relatório de desenvolvimento humano 2015*. Disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf; acesso em abril/2017.

humanas: vida longa e saudável, conhecimento e nível de vida digno; e para criar condições para o desenvolvimento humano: participação na vida política e comunitária, sustentabilidade ambiental, direitos humanos e segurança, e promover a igualdade e a justiça social.

Os dados apresentados nesse relatório ainda revelam problemas que precisam de uma agenda política mais efetiva: o número de pessoas que vive em situação de baixo desenvolvimento humano diminuiu de 3 bilhões em 1990 para pouco mais de um bilhão em 2014, e entre 1990 (data do primeiro relatório de IDH) e 2015, o número de pessoas que vive em situação de pobreza extrema em todo o mundo decresceu de 1,9 bilhões para 836 milhões. No entanto, em todo o mundo, 795 milhões de pessoas ainda sofrem de fome crônica.

Morin⁴⁴, por sua vez aponta outros efeitos produzidos na civilização ocidental: os efeitos egoístas do individualismo destroem a antiga solidariedade, um mal-estar psíquico e moral se instala no coração do bem-estar material, a “intoxicação” consumista da classe média se desenvolve enquanto se degrada a situação das classes mais pobres e se agravam as desigualdades, de modo que as soluções encontradas são irrisórias.

Pelo lado do trabalho, que irradia efeitos sobre a dimensão econômica, verifica-se que a mão de obra, via de regra, é local, embora o capital, em seu âmago, seja global, e reside nas redes financeiras, que determinam o destino da maioria dos empregos. Desse modo, para Capra⁴⁵, o capital e a mão de obra existem em diferentes espaços e tempos: “o espaço virtual dos fluxos financeiros e o espaço real dos lugares locais e regionais onde as pessoas são empregadas; o tempo instantâneo das comunicações biológicas e o tempo biológico da vida cotidiana”, tornando o trabalho fragmentado e destituído de poder.

Algumas tecnologias produzem maior efeito nessa alteração dos novos meios de trabalho: a tecnologia em nuvem, a impressão em 3D, a robótica avançada, com efeitos até na área de saúde, permitindo inclusive intervenções médicas à distância, além da automação do trabalho, através de softwares inteligentes, exigem das corporações novas formas de lidar com o trabalho.

De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano⁴⁶, a globalização reúne trabalhadores e empresas em redes mundiais, através da “externalização e cadeias de valor mundial”, ou seja, as empresas subcontratam ou “deslocalizam” algumas funções ou atividades não essenciais para outros países, onde os custos são mais baixos. E cita como exemplo a Apple, que emprega apenas 63 mil dos mais de 750.000 indivíduos em todo o mundo que trabalham na concepção, venda, fabrico e montagem de seus produtos.

O Relatório cita ainda as novas formas de trabalho que a revolução digital tem produzido: economia de partilha (*GrabTaxi*), externalização de processos empresariais (*UpWork*), fornecimento coletivo de trabalho (*Mechanical Turk*) e o trabalho flexível. Revolucionou também o trabalho criativo e capacitou pequenos produtores e artesãos, e chegou, inclusive, à atividade de voluntariado, que hoje pode ser desenvolvida virtualmente (em linha ou digital).

A globalização, assim, ao mesmo tempo que criou novas oportunidades de emprego, trouxe também novos desafios, a exemplo dos contratos de trabalho a curto prazo, geralmente para atender uma demanda específica, colocando no topo aqueles que possuem elevados níveis de habilitações e competências, e na base os trabalhadores não qualificados.

O jornalista Luciano Costa⁴⁷ ilustra essa nova faceta da globalização:

Há duzentos anos, alguém que pretendesse ser aceito entre intelectuais precisaria ser versado em latim e grego. No começo do século XX, era preciso falar francês para ser levado a sério como literato, ou saber alemão para filosofar. No final do

⁴⁴ MORIN, Edgar. *La Vía para el futuro de la humanidad*, p. 23-24.

⁴⁵ CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*, p. 471.

⁴⁶ PNUD. *Relatório de desenvolvimento humano 2015*.

⁴⁷ COSTA, Luciano Martins. *O mal-estar da globalização*. A Girafa Editora, São Paulo, 2005, p. 74-75.

século passado, quando se tornou madura a era da informação, ficou claro que para participar plenamente da sociedade seria fundamental conhecer a natureza da linguagem digital.

Conforme Appadurai⁴⁸, a comunicação eletrônica e as migrações marcam o mundo do presente, não como forças tecnicamente novas, mas como aquelas que parecem impelir (e, por vezes, compelir) a obra da imaginação. Juntas, criam irregularidades específicas porque espectadores e imagens estão em circulação simultâneas. “Nem as imagens nem os espectadores cabem em circuitos ou audiências que facilmente se confinam a espaços locais, nacionais ou regionais”.

Quando se fala em globalização, um dos aspectos que mais se questiona é saber até que ponto a globalização acarreta a ideia de uma cultura global, ou homogeneização da cultura. De acordo com Boaventura de Souza Santos⁴⁹:

Acredita-se que a intensificação dramática de fluxos transfronteiriços de bens, capital, trabalho, pessoas, ideias e informações originou convergências, isomorfismos e hibridações entre as diferentes culturas nacionais, sejam elas de estilos arquitetônicos, moda, hábitos alimentares ou consumo cultural de massas. Contudo, a maior parte dos autores sustenta que, apesar da sua importância, estes processos estão longe de conduzir a uma cultura global.

No entanto, ele⁵⁰ admite que, sob as condições da economia mundial capitalista e do sistema interestatal moderno, “parece haver apenas espaço para as culturas globais parciais. Parciais quer em termos dos aspectos da vida social que cobrem, quer das regiões do mundo que abrangem”.

Essa nova rede global de interações tecnológicas e humanas complexas, onde somos o tempo todo “bombardeados” com informações, tem contribuído, também para manifestações populares cada vez mais significativas. Capra⁵¹ menciona os levantes populares, em grande parte sem líderes, que foram guiados pela vasta gama de mídias sociais, que se tornaram “ferramentas políticas de importância crucial para comunidades e organizações em nossa era da globalização”:

Essas revoltas começaram com um movimento de jovens na Tunísia, em dezembro de 2010, que se espalhou pelo vizinho Egito, e depois, para outros países do Oriente Médio, crescendo até se tornar enormes movimentos sociais contra ditadores da região, o que se tornou coletivamente conhecido como a Primavera Árabe.

Sassen⁵² fala ainda que estamos assistindo emergir uma formação global distinta, que compreende uma mistura de indivíduos, categorias populacionais e organizações. Para ele, um dos efeitos do acesso a novos meios de comunicação – especialmente a internet – é a permissão ou indução para diversos tipos de grupos “transnacionalizar suas iniciativas”, citando como exemplo o caso de ativistas ambientais e de direitos humanos. “Muitos desses grupos começaram a se conectar com grupos semelhantes em outros países, ao passo que seus esforços eram puramente locais”.

Mas, ao mesmo tempo que esse aspecto pode ser considerado benéfico, há um lado mais sombrio: a face oculta do terrorismo. O ataque à principal cidade do império norte-americano em 11 de setembro de 2001 foi capaz de mudar a noção de liberdade de que até então todos tínhamos plena convicção de ser irrestrita: de termos liberdade de movimento por todas as fronteiras, de credo, de associação etc. A quebra das barreiras geográficas e culturais teve um preço.

Como relata Costa⁵³, “alguns militantes do complexo religioso-militar identificado como autores dos atentados vinham atuando a partir de empresas com destacada presença internacional”. O crime organizado, da mesma forma, vem utilizando empresas

⁴⁸ APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peia*; tradução de Telma Costa. Editorial Teorema, Lisboa, 2004, p. 15.

⁴⁹ SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Globalização: fatalidade ou utopia?*, p. 53.

⁵⁰ SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Globalização: fatalidade ou utopia?*, p. 54.

⁵¹ CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*, p. 474.

⁵² SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização*; tradução Ronaldo Cataldo Costa. Artmed, Porto Alegre, 2010, p. 154.

⁵³ COSTA, Luciano Martins. *O mal-estar da globalização*, p. 18 e 222.

legais como suporte para suas atividades, e quem financia o terror e grupos mafiosos vinha, “por mais de uma década, operando suas próprias organizações e utilizando instituições financeiras com presença global para movimentar os recursos que produziram a destruição”. E conclui:

Para o cidadão do mundo, até o dia 11 de setembro de 2001, o indivíduo de turbante era apenas, quando muito, uma curiosidade nos aeroportos ou supermercados. Depois daquela data, ele conclui com horror que ambos não cabem no mesmo planeta. Então, a dor da modernidade começa a se manifestar no entendimento de que uma das maiores conquistas da civilização — a percepção da diversidade como riqueza — pode ser seu calcanhar de Aquiles e talvez tenha de ser sacrificada no altar do liberalismo.

A globalização imprime a necessidade de, ao mesmo tempo em que se busca garantir de forma ampla a liberdade de todos, também a busca de mecanismos para limitá-la, e o exemplo do terrorismo é a faceta mais paradigmática desse paradoxo. Talvez isso seja o que Cruz⁵⁴, denomina de “republicanização da globalização”:

Sabe-se perfeitamente das assimetrias existentes entre as diversas regiões do nosso planeta e entre os países que as formam. Isso mostra a necessidade de coabitação entre o paradigma moderno e o pós-moderno do Direito, entre a busca por âmbitos cada vez mais amplos de liberdade e a limitação desta mesma liberdade em função de se promover a sustentabilidade. É, mutatis mutandis, o que se denomina “republicanização da globalização”, com uma efetiva busca pela distribuição da riqueza e reequilíbrio ambiental. O grande desafio do ser humano será provar que conseguirá evoluir do individualismo liberal, passando pelas experiências de igualdade relativa dos estados de bem-estar até alcançar a sustentabilidade. Provar que não é um elemento estranho e inadaptável ao planeta Terra, mas que pode não só conviver em harmonia como melhorar as condições gerais de vida.

3.4. Conclusões

A globalização, que iniciou em 1980, indica uma fase de integração mundial entre a econômica, meio ambiente e aspectos sociais (dentre os quais se inclui a cultura). Também se estende por aspectos políticos, embora a análise do presente artigo tenha se delimitado apenas aos aspectos acima, por constituírem o tripé principal da sustentabilidade.

Foi visto como a globalização da comunicação possibilitou o desenvolvimento do fluxo do comércio e, com a interligação dos sistemas financeiros mundiais, a economia, que antigamente girava em torno da troca ou de pequenas compras em feiras ou praças de comércio, adquiriu contornos globais.

A subversão da noção de tempo e espaço ocasionada pelo desenvolvimento dos modernos meios de comunicação e de transporte produzem significativos impactos na economia global: o poder econômico reside nas redes financeiras globais, que, com a rapidez do processamento de informações por potentes computadores e sofisticados modelos matemáticos, substituíram o papel moeda por produtos financeiros cada vez mais abstratos (fundos de investimentos, derivativos, dentre outros, que utilizam cada vez mais meios computadorizados), tornando a economia mundial cada vez mais complexa e sujeita a riscos que podem se estender a diversos países, como a que aconteceu em 2008.

Sob o aspecto ambiental, os danos ocasionados pelo uso intensivo de combustíveis fósseis, da intensa industrialização, do consumo exacerbado, da utilização de tecnologias que podem ocasionar perigos, a exemplo da fabricação de armas químicas e nucleares, com o conhecimento facilitado pelo uso de dados na internet, demonstram que os riscos podem afetar toda a humanidade, revelando a dimensão da preocupação que deve existir tanto por parte de governantes quanto da própria sociedade.

⁵⁴ CRUZ, Paulo Márcio. “Transnacionalização, sustentabilidade e o novo paradigma do direito no século XXI”, p. 90.

No aspecto social, a globalização trouxe reconfiguração do trabalho, que hoje, graças à tecnologia em nuvem, à impressão em 3D, à robótica avançada permite que muitos serviços possam ser prestados de qualquer lugar do mundo. Também trouxe a globalização dos riscos com a intensificação das liberdades, e o exemplo do terrorismo (do qual o 11 de setembro de 2001 é o principal registro) demonstra que precisamos encontrar uma forma de, ao mesmo tempo em que se asseguram as liberdades, seja possível limitá-las, para assegurar a segurança de todos.

Pode-se concluir que a globalização trouxe muitos aspectos positivos, dentre os quais a possibilidade de conexão global pode ser uma ferramenta útil para garantir a verdadeira integração entre os povos. No entanto, muitos desafios ainda se impõem para que consigamos, nesse ambiente globalizado, garantir a sustentabilidade em sua tríplice dimensão, o que significa garantir um desenvolvimento, não mais apenas quantitativo, mas principalmente qualitativo, garantindo que os recursos naturais do planeta possam ser utilizados também pelas gerações futuras, e assegurando a todos uma vida com dignidade. O motivo, para isso, seria a mudança de metáforas que o século XXI exige, com a globalização da comunicação tendo um importante destaque:

Como vimos, o Zeitgeist ('espírito do tempo') do início do século XXI está sendo modelado por uma profunda mudança de paradigmas, caracterizada, por sua vez, por uma mudança de metáforas, do mundo como uma máquina para o mundo como uma rede. O novo paradigma pode ser chamado de visão de mundo holística, que reconhece o mundo como uma totalidade integrada em vez de uma coleção de partes dissociadas. Também pode ser chamado de visão ecológica, se a palavra 'ecológica' for utilizada em um sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, como indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados em processos cíclicos da natureza, dos quais, em última análise, dependemos⁵⁵.

Referências das fontes citadas

ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida, traduzido por Juba Elisabeth Levy. Paz e Terra, São Paulo, 2009.

APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peia*; tradução de Telma Costa. Editorial Teorema, Lisboa, 2004.

BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização*; tradução de André Carone. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*; tradução de Sebastião Nascimento. Editora 34, São Paulo, 2011.

BRAUDEL, Fernand. *A economia do capitalismo*; tradução Álvaro Cabral. Rocco, Rio de Janeiro, 1987

BURKE, Peter; BRIGGS, Ana. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet*, tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2006.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes, LEITE, José Rubens Morato. *Direito constitucional ambiental brasileiro*, 6ª edição. Saraiva, São Paulo, 2015.

CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*; tradução Mayra Teruya Eichemberg, Newton Roberval Eichemberg. Cultrix, São Paulo, 2014.

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*; tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2015.

COSTA, Luciano Martins. *O mal-estar da globalização*. A Girafa Editora, São Paulo, 2005.

CRUZ, Paulo Márcio. "Transnacionalização, sustentabilidade e o novo paradigma do direito no século XXI" – p. 82-104. *Meio ambiente, transnacionalidade e sustentabilidade*, vol. 1 [recurso eletrônico] / organizadores: Paulo Márcio Cruz, Liton Lanes Pilau Sobrinho e Marcos Leite Garcia. Univali, Itajaí, 2014.

⁵⁵ CAPRA, Frijot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*, p. 36.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, 6ª edição. Record, Rio de Janeiro, 2007.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*; tradução de Raul Fiker. Editora UNESP, São Paulo, 1991.

LUHMANN, Niklas. *Globalización o sociedad mundial: ¿como concebir la sociedad moderna?*; traduzido por José Javier Blanco Rivero. - International Review of Sociology Mar97, Vol. 7 Issue 1, 13p. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/68925134/Niklas-Luhmann-Globalizacion-o-Sociedad-Moderna>; acesso em março/2017.

MACQUIL, Denis. *Teoria da Comunicação de Massas*, tradução de Carlos de Jesus. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003.

MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*; tradução Laureano Pelegrin, Edusc, São Paulo, 2000.

MORIN, Edgar, *La Vía para el futuro de la humanidad*, Paidós, Barcelona, 2011.

PASOLD, Cesar Luiz. *Metodologia da Pesquisa Jurídica: teoria e prática*. 12ª ed. Conceito Editorial, São Paulo, 2015.

PNUD. *Relatório de desenvolvimento humano 2015*. Disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf; acesso em abril/2017.

SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *A globalização e as ciências sociais*, 2ª edição. Cortez, São Paulo, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Globalização: fatalidade ou utopia?* Edições Afrontamento, Portugal, 2001.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, 6ª edição. Record, Rio de Janeiro, 2011.

SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização*; tradução Ronaldo Cataldo Costa. Artmed, Porto Alegre, 2010.

SCHWAB, Klaus. *A quarta revolução industrial*; tradução Daniel Moreira Miranda. Edipro, São Paulo, 2016.

SOARES, Josemar; CRUZ, Paulo Márcio. *Critério ético e sustentabilidade na sociedade pós-moderna: impactos nas dimensões econômicas, transnacionais e jurídicas*. Revista NEJ - Eletrônica, Vol. 17 - n. 3 - p. 401-418 / set-dez 2012